ELIPSE: DO PSEUDO VAZIO AO PAREAMENTO FORMA↔SIGNIFICADO

Elenita Alves Barbosa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2398-4199
Endereço eletrônico: elenita.dissertacao@gmail.com

Milca Cerqueira Etinger Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6299-3939
Endereço eletrônico: milcacerqueira@gmail.com

Palavras-chave: elipse; forma↔significado; semântica; construção.

INTRODUÇÃO

À luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções (GC), este estudo compreende a elipse como uma construção linguística, caracterizada pelo pareamento entre forma↔significado (F↔S). Sob essa abordagem, o fenômeno é motivado por fatores sintáticos, morfológicos, fonológicos, semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais, que se articulam aos contextos linguísticos e/ou extralinguísticos para produzir significado.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo identificar, descrever e analisar as construções elípticas presentes no *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) e no *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC), demonstrando que a elipse extrapola a função de coesão textual e constitui uma construção linguística regular com forma e significado. Justifica-se pela falta de estudos sobre o tema nessas perspectivas, o que amplia a compreensão da elipse como recurso multifuncional na interação e na construção de sentidos.

METODOLOGIA

O estudo, recorte da tese de doutorado defendida em 2024, é composto por 4.723 (quatro mil, setecentos e vinte e três) ocorrências (frequência *token*) de elipses, possui abordagem qualitativa e quantitativa, fundamentada na LFCU e na GC. Metodologicamente, buscamos identificar, descrever e analisar as construções elípticas presentes no *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) e no *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC). Para tanto, as ocorrências foram categorizadas com base no contexto e no grau de recuperabilidade em transparentes, semitransparentes e opacas.

Os dados foram organizados e analisados qualitativamente, permitindo a descrição dos padrões construcionais propostos pela GC (Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2013) e pela LFCU (Rosário; Oliveira, 2016). A análise foi baseada nos estudos de Heine (2011), Hilpert (2014) e Goldberg e Perek (2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob o enfoque da GC e da LFCU, a elipse é compreendida como um fenômeno da língua que se realiza no uso efetivo, articulando discurso e gramática, e como princípio de economia linguística e recurso de coesão e conectividade, cujo conteúdo é recuperável por meio de contextos linguísticos e extralinguísticos. Nessa perspectiva, segundo Traugott e Trousdale (2021), Croft (2001) e Hilpert (2014), toda construção corresponde a um pareamento entre forma e significado (F↔S), organizado em uma rede taxonômica hierárquica, constituindo um nó na rede de construções, vinculado a categorias mais abstratas. Assim, embora as construções elípticas se caracterizem pela ausência de material linguístico na superfície textual, preservam um significado passível de recuperação pelo contexto e constituem pareamentos entre forma e significado motivados pelo uso, desempenhando funções relacionadas à economia linguística, à semântica, à memória, à ênfase e à evitação de redundâncias.

Com base nas propriedades construcionais propostas por Croft (2001), no que se refere à *propriedade sintática*, as elipses desempenham funções gramaticais específicas recuperáveis pelo contexto e pelo cotexto. Na *propriedade morfológica*, a omissão preserva a classe gramatical do elemento elidido, de modo que apenas um elemento pertencente à mesma classe gramatical pode preencher a lacuna. Já na *propriedade fonológica*, a ausência de realização

sonora não implica ausência de significado, pois a interpretação da elipse é licenciada pela prosódia, pelos elementos gestuais e pelo contexto discursivo.

Na *propriedade semântica*, o significado da elipse se dá no encadeamento do discurso, recorrendo à semântica de frames e à memória enriquecida. Na *propriedade pragmática*, a interpretação depende da intenção comunicativa do falante, das inferências do interlocutor e de recursos como entonação, gestos e expressões, que orientam a construção de sentidos. Já na *propriedade discursivo-funcional,* a elipse somente se efetiva no contexto de uso, em que forma e significado se articulam para garantir a coerência e a eficácia comunicativa.

A função das elipses é analisada de forma que nos conduz a defender que esse fenômeno vai além da coesão textual e desempenha papel relevante na construção dos sentidos durante a interação. Assim, com base na perspectiva funcionalista, propomos a classificação das elipses em *transparentes, semitransparentes e opacas*, constituindo um *continuum*, baseado na proximidade entre o termo elidido e seu referente.

As *elipses transparentes* são aquelas cujo termo de recuperação se encontra no mesmo turno de fala ou na desinência verbal; possuem material linguístico anafórico; podem ser substituídas por uma forma remissiva gramatical livre; não apresentam ambiguidade e os traços são: [-marcada]; [+localizável]; [+composicional], como mostra o exemplo (01):

> (01) INF: Primeiro emprego... meu primeiro emprego foi num banco né... então... eu... eu... é... Ø foi uma experiência BOa é... (HFDS – *Corpus* PCVC).

A elipse em (1) apresenta referente facilmente recuperável, por retomada anafórica no mesmo turno de fala. Nesses casos, o significado é preservado sem prejuízo da compreensão, e a omissão contribui para a economia linguística, para a manutenção da carga semântica e da prosódia do enunciado. Assim, essa elipse caracteriza-se como [-marcada], [+localizável] e [+composicional].

As *elipses semitransparentes* são aquelas cujo resgate se dá em ambos os contextos que envolvem a fala: o linguístico e o extralinguístico; pode haver ambiguidade semântica; o elemento referente deve estar distante da elipse ou posicionado no turno de fala do interlocutor, ou, ainda, em posição catafórica; seus traços são [+-marcada]; [+-localizável]; [+-composicional]. O exemplo (02) deixa evidente o que foi exposto:

> (02) INF: [Lá] de interessante só Ø a roça. A gente vai *pa* fazenda vê ... vê os

gado, tomar banho de açude, eh... (ARA – *Corpus* PPVC).

Consta, em (02), uma elipse semitransparente, "de interessante só Ø a roça", com termo de resgate "*tem"* na fala do entrevistador que pergunta o que tem de interessante no Pará. O informante compreende que se realizar a construção com a presença do verbo, a carga semântica, marcada pela pragmática e pela propriedade discursivo-funcional, perderá força. Essa elipse tem forma e significado e possui traços [+-marcada], [+-localizável] e [+-composicional].

As *elipses opacas* são aquelas que não possuem material linguístico como referente, mas podem ser interpretadas a partir do contexto extralinguístico por meio da força ilocucionária e da definitude de fala. Seus traços são [+marcada]; [-localizável]; [-composicional], como mostra o excerto (03).

(03) INF: Eh... Ø tem que cumprir algumas horas de trabalho (ASA – *Corpus* PCVC)

O informante foi questionado sobre em que se baseava a rotina de trabalho, ao que ele responde "Ø tem que cumprir algumas horas de trabalho". Essa elipse torna-se opaca devido ao fato de o resgate ser apenas extralinguístico. O interlocutor aciona sua função psicológica para conseguir entender que o informante está falando de si. Não se trata de coesão textual, mas de adaptação da fala para garantir que o princípio da economia linguística e da expressividade máxima não sejam empecilho para a interpretação. Nesses casos, a semântica de *frames* e a memória enriquecida são acionadas para garantir o entendimento do que foi comunicado, da forma como foi dito. Essa elipse que tem traços [+marcada], [-localizável] e [-composicional].

Os dados mostram que a elipse constitui uma estratégia discursiva multifuncional, utilizada em diferentes contextos comunicativos, que abarca qualquer termo da oração, desde que ele possa ser resgatado de forma linguística e/ou extralinguística. Uma construção com ou sem codificação morfossintática só é licenciada se se constituir enquanto F↔S, pois não há espaço para formas sem sentido dentro de uma construção.

CONCLUSÕES

A pesquisa conclui que as elipses constituem construções linguísticas regulares, caracterizadas pelo pareamento entre F↔S, conforme a GC. Seu significado é licenciado pela integração entre propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, sendo interpretado a partir dos contextos linguístico e extralinguístico e das inferências realizadas pelos interlocutores. Assim, esse recurso configura-se como um recurso de interação social que atende às necessidades comunicativas dos falantes, incorporando valor semântico em cada contexto de uso.

REFERÊNCIAS

CROFT, William. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, Adele E.; PEREK, Florent. **Ellipsis in Construction Grammar**. Oxford Handbooks Online. Fevereiro de 2019.

HEINE, Lena. Non-coordination-based ellipsis from a Construction Grammar perspective: The case of the coffee construction. **Cognitive Linguisticis**. 2011. V. 22: Edição 1, p. 55-80.

HILPERT, Martin. **Construction Grammar and its aplication to English**. Edinburgh University Press. 2014. p. 50-73.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 60, 2016. p. 233-259.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. TraduçãoTaísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021 [2013].